

TRAÇOS CULTURAIS IDENTITÁRIOS BRASILEIROS NO CONTO “UM HOMEM HONESTO”, DE MONTEIRO LOBATO

Cláudia Gisele Masiero – Universidade Feevale¹

RESUMO

A cultura somente pode ser entendida pela sua materialidade, ou seja, através de seus processos e de seus produtos. Assim, neste estudo, primeiramente, busca-se entender o conto “Um homem honesto”, de Monteiro Lobato, como fruto da cultura brasileira. Posteriormente, procura-se identificar e analisar, na narrativa, os traços que traz da cultura e da identidade brasileiras. Esses elementos serão observados principalmente através dos estudos de Da Matta (1986; 1997) e Ribeiro (1995). Destaca-se no conto a questão da honestidade, representada no protagonista, frente a possibilidade de ganhar a vida fácil, que seria aceita pelos demais personagens. Também relaciona-se com o que Da Matta (1997) chama de “jeitinho brasileiro”, traço característico do brasileiro. A “distância social” característica do país, descrita e analisada por Ribeiro (1995), também está presente no conto, assim como o universo relacional no qual vive o brasileiro, segundo Da Matta (1997), que oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela casa, pela rua e pelo outro mundo. Por fim, é possível identificar traços da cultura e da identidade brasileiras na obra literária em questão, sobretudo, porque compreende e transforma em elementos implícitos na narrativa a sua atmosfera e as suas questões peculiares.

Palavras-chave: Cultura Brasileira. Conto. Monteiro Lobato.

1 INTRODUÇÃO

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) é um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira. Metade de sua obra é dedicada a esse público. A outra parte dela, composta por textos dedicados ao público adulto, são contos, romances, críticas, crônicas, que tratam de diferentes assuntos. Lobato nasceu em Taubaté, estado de São Paulo e foi uma figura marcante na política e na cultura de sua época. Segundo Bosi (2006), Lobato foi,

¹ Especialista em História Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo. Bolsista PROSUP/CAPES, Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



antes de tudo, um intelectual que empurrou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente. Trouxe em seus textos, em vários momentos, temas sociais, retratando o contexto do início do século XX. Embora tenha aberto espaço em sua obra a esses temas,

O que Lobato sempre recusou em suas produções foi o sentimentalismo tão em voga em sua época. Decidiu substituí-lo pelo humor, pela ironia e pela irreverência. Suas histórias, geralmente, narram o universo da população interiorana paulista, tanto rural como urbana. Nelas, são retratadas a corrupção, a ignorância e a miséria (VIEIRA, 2012, p. 77).

Comprometido com seu tempo e com seu espaço sociocultural, o que se transfere a sua produção literária, Lobato permite que seja possível nela encontrar traços culturais e identitários brasileiros, sendo esse o objetivo deste estudo. Para tanto será analisado um de seus contos, intitulado “Um homem honesto”, originalmente publicado no livro *Cidades Mortas*, em 1919.

O livro *Cidades Mortas* tem quase um século e se trata do segundo livro de Lobato. Contém vários contos² e alguns pequenos textos, que retratam a vida pacata das cidades interioranas do norte paulista. Critica a queda do café, produto de grande valor comercial do país até então, e os efeitos que esse declínio provocava na população que dependia dele. São esses resquícios de costumes interioranos, de regionalismo, que, segundo Bosi (2006), não faz dele um modernista, mas um pré-modernista. Porém, Bosi também afirma que ninguém melhor do que Lobato soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da Primeira República, embora não se possa encontrar em seus textos a categoria de profundidade. Sua grande qualidade era saber narrar com brilhantismo. A

² Segundo Moisés (2004), o conto remonta aos primórdios da própria arte literária. Porém, é no século XIX que automatizando-se da novela e do romance, se define e passa a ser amplamente cultivado. O conto, portanto, do prisma dramático, contém um só conflito, ou seja, apenas uma célula dramática. Ocorre num restrito lapso de tempo e num espaço limitado. Todos os elementos da narrativa devem convergir para um objetivo, um único efeito no leitor. Ainda “perpassa ao conto uma vibração poética, que advém de o ficcionista nele detectar um aspecto do cotidiano, portador de emoção ou de sentimento” (MOISÉS, 2004, p. 89). Gancho (1998) confirma o atual prestígio do conto, ainda que tenha adquirido características distintas, como por exemplo, deixar de lado a intensão moralizante e adotar o fantástico e o psicológico para elaborar o enredo.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



linguagem clara e direta de “Um homem honesto” caracteriza bem esta sua qualidade de contista.

Lobato narra, no conto, por meio de um narrador em terceira pessoa, onisciente³ e onipresente, a história de João Pereira, servidor público, de boa índole, de poucas posses, casado e pai de duas filhas já moças. Deixou empregos anteriores por não aceitar trabalhar desonestamente e, na atual repartição onde trabalhava, não era promovido já que, por honestidade, não queria recorrer aos expedientes que seus colegas tão enfaticamente procuravam para conseguir suas promoções. Era um homem de poucas posses, mas feliz. Certo dia, foi convidado para ser padrinho de casamento longe de sua cidade, foi quando precisou comprar uma passagem de trem e partir. Na volta, achou um pacote esquecido no vagão e, ao verificar, percebeu que se tratava de uma grande quantia em dinheiro. Rapidamente, entregou o dinheiro ao chefe da estação. A retidão de João foi notícia em vários jornais e, num primeiro momento, todos o elogiaram. Porém, aos poucos, quando sabiam da quantia exata e muito alta, as pessoas que o cercavam, inclusive a família, passaram a considerá-lo um idiota, por não ter ficado com o pacote que mudaria completamente a sua vida. O sarcasmo e a censura com que foi tratado fizeram com que cada vez mais o homem se sentisse mal, passando de herói a vilão, mesmo tendo ele agido de forma correta. Essa é, portanto, a grande temática do conto. Ao final, ele acaba por se matar, não aguentando tamanha desmoralização.

2 O CONTO E OS TRAÇOS CULTURAIS E IDENTITÁRIOS BRASILEIROS

A cultura somente pode ser entendida pela sua materialidade, ou seja, através de seus processos e de seus produtos. Neste estudo, primeiramente, se entende o conto em questão como produto da cultura brasileira, pois se sabe que “a literatura é parte inalienável da cultura”

³ Conforme Moisés (2004, p. 365), “o ponto de vista onisciente é aquele em que o autor/narrador, qual um deus, tudo conhece da história e tudo pode esquadrihar, inclusive a vida mental das personagens”.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



(BAKHTIN, 1992, p 363). Também se busca observar em sua narrativa que traços ele traz dessa cultura da qual faz parte. Esse exercício de análise possibilita refletir sobre a cultura brasileira que se apresenta através da fala de autores como Da Matta (1986; 1997) e Ribeiro (1995), mas também permite observar como essas questões estão implícitas no conto, retratadas por Lobato.

O amadurecimento do conceito de cultura, que passou por várias etapas⁴, permite dizer, em linhas gerais, que “cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p. 16). Em outras palavras, Turner (1997) diz que a cultura é um processo dinâmico que produz os comportamentos, as práticas, as instituições e os significados que constituem a nossa existência. Assim, a cultura pode ser entendida como uma teia de significados, tecida pelo próprio homem, segundo a definição de Geertz (1989). O fato é que todas essas definições seguem uma linha de pensamento e mostram a centralidade exercida pela cultura e o seu papel constituinte em todos os aspectos da vida social. Como mostra Hall (1997), toda a ação social é cultural e, no último século, vem ocorrendo o que chama de “revolução cultural”, justamente quando a cultura tem assumido essa centralidade, não no sentido de ocupar o centro, mas de indicar a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo.

O conceito de cultura, do qual já se falou, está intimamente ligado ao conceito de identidade, segundo conforme Cuche (2002), uma vez que o autor a entende como a interação entre o indivíduo e o seu meio ambiente social e acredita que é o reconhecimento identitário do indivíduo que o agrega a um grupo e o diferencia de outro. Geertz (1989) também fala deste assunto dizendo que foi a cultura que modelou a espécie humana como única, mas também é ela que a está modelando os indivíduos como sujeitos separados, aproximando cultura e identidade. Por isso é que se fala aqui em “traços culturais identitários”.

Quando se trata de cultura brasileira, primeiramente, é preciso compreender que, segundo Bosi (2003), não existe uma cultura homogênea, que seja a matriz dos discursos e

⁴ Para entender a evolução do conceito de cultura, pode-se recorrer a Laraia (2001) ou a Bosi (1992).

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



comportamentos. O autor acredita que é, justamente, por meio da admissão do seu caráter plural que se pode compreendê-la. Essa pluralidade, entretanto, não remete ao caos, como “efeito de sentido”, resulta de um processo de várias oposições no tempo e no espaço e se organiza à partir da imbricação de várias culturas migrantes e imigrantes. Considera-se, assim, nesse estudo, a cultura brasileira como plural. Porém, também se considera possível encontrar alguns traços que lhes sejam característicos e comuns, capazes de aproximá-las, sem aglutiná-las. Se não há uma única cultura brasileira, também se acredita que não se pode negar que há alguns elementos comuns entre elas que fazem delas reconhecidamente brasileiras, no sentido mesmo de identidade. É sobre estes elementos e esta interação social, com base em estudiosos do tema, que se pensa aqui refletir. Da Matta (1986) diz que o Brasil está e pode ser encontrado em toda parte. Então, é no conto em questão que se vai tentar encontrá-lo, pensando quais elementos de sua cultura já eram destacados pelo autor no início do século passado e que ainda lhe são constituintes.

Segundo Da Matta (1986), o brasileiro vive em um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Assim, no meio dos dois, a malandragem e o que chama de “jeitinho” seriam modos de enfrentar essas contradições. O “jeitinho”, segundo ele, seria um modo ou estilo de realizar, de relacionar o impessoal com o pessoal, junção casuística da lei com a pessoa que a está utilizando e o “malandro” seria um profissional dessa área.

Essa mediação de que fala Da Matta, e que considera tipicamente brasileira, está bastante presente no conto em questão. João Pereira parece estar sozinho quanto à questão da devolução do dinheiro que achou. Ele, em nenhum momento, considerou outra ação que não fosse a de entregar a quantia que não lhe pertencia. Porém, as demais personagens, todas, dariam um jeitinho para ficar com a soma, o que é notado pelos inúmeros conselhos que dão a João sobre como deveria ter agido e, por fim, o rotulam “trouxa”, por não ter aproveitado a oportunidade de resolver a vida. Avaliam o ato de apropriação indevida do dinheiro como aceitável, uma vez que João era um homem de poucas posses e que isso lhe daria melhores

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



condições, fazendo com que não mais passasse dificuldades. A honestidade parece ser um valor pouco importante. Até mesmo a sua esposa alega que o pacote somente poderia ter sido perdido por uma pessoa desonesta e que, assim, não haveria problema em ficar com ele. É o impessoal, a lei, sendo burlada pelo pessoal, como explica Da Matta (1986). A partir dessa reflexão, o conto, implicitamente, faz com que se reflita sobre essa característica do brasileiro, de tirar proveito de determinadas situações e de que maneira isso se dá. O fato do dinheiro ter sido devolvido é tão inusitado que vira notícia de jornal.

Da Matta (1986) ainda complementa sua ideia sobre o “jeitinho” e a “malandragem”, que são não somente um tipo de ação concreta, situada entre a lei e a plena desonestidade, mas que também são um modo de agir socialmente e de burlar as leis e as normas sociais mais gerais. Lobato talvez bem expresse, mediante a constituição das personagens do conto, o pensamento acima descrito. Aqueles que ficariam com o dinheiro não veem o ato como crime, acreditam que não seria propriamente um roubo, uma vez que o dinheiro foi achado, mas encaram como uma questão de sorte e, por fim, de aproveitar a oportunidade, como se pode notar pela fala da mulher de João Pereira em relação ao aparecimento do pacote: “Foi uma sorte grande que Deus nos mandou” (LOBATO, 2007, p. 201). Se não se pode caracterizar esse pensamento como ingênuo, tampouco como criminoso simplesmente. Ao se analisar a conjuntura histórica do Brasil, possivelmente se consiga entender melhor essa característica inerente ao povo brasileiro. A condição de território colonizado contribuiu para a sua miscigenação, a sua pluralidade e sua riqueza cultural. Porém, talvez também possa ter contribuído para a não introdução de valores morais rígidos, visto que por durante muito tempo na história brasileira a única maneira de se obter reais ganhos era burlando a vigilância da metrópole, o que por si só se justificava por se estar na injusta condição de colonizado e, portanto, de explorado.

Através da personagem principal do conto também é possível refletir sobre a disparidade entre as classes sociais no Brasil. João Pereira comprou sua passagem de segunda classe para apadrinhar o casamento, de acordo com suas posses. Porém, na volta, os parentes lhe ofertaram uma passagem de primeira classe. Assim, ele pode dar-se conta das diferenças que separam os

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



pobres dos ricos. Repara no conforto dos bancos de couro, na inexistência de solavancos e nos criados à disposição. Através dessa luxuosa instalação do vagão, passou a ver o quanto os pobres sofrem e não têm conforto, sendo menosprezados nos bancos de madeira e pela falta de lavabos. Esse fato o levou a concluir que “a pobreza é o maior dos crimes do mundo, ao menos o mais severamente punido” (LOBATO, 2007, p. 195). Implícita nessa passagem do conto, está a desigualdade que é marca da sociedade brasileira. Ribeiro (1995) analisa a formação dos seus estratos sociais e conclui que, entre as classes ricas e pobres, há grandes distâncias sociais e culturais. Essa estrutura de classes foi historicamente construída e permite que a ordem se perpetue, privilegiando e enobrecendo uns e empobrecendo e subjugando outros. Talvez por isso o ato de encontrar o dinheiro tenha tanto significado na trama, pois, de outra maneira, dificilmente, João e sua família acenderiam na escala social. O fato de ter percebido o que o dinheiro é capaz de proporcionar não o desviou quanto à questão da devolução da quantia. Certamente, tal passagem destaca ainda mais a honestidade daquele homem.

Segundo Da Matta (1997), em um universo relacional como o do brasileiro, nada mais nítido do que essa visão múltipla do mundo, onde se oscila entre pelo menos três posições fundamentais dadas pela casa, pela rua e pelo outro mundo. Assim, a casa seria o lugar de elos mais estreitos, de ligações íntimas, enquanto a rua, o espaço do anonimato, do impessoal, de elos mais especializados. O outro mundo diz respeito a uma realidade social de esperanças e potenciais que a história ou o mundo real impediram. O suicídio da personagem principal, ao final do conto, decorre do fato de não mais gozar de prestígio nem em casa e nem na rua. Vê-se que a primeira, ambiente de acolhida como se viu, passou a ser lugar de cobrança e desprestígio, “um perfeito inferno”, como descreve o narrador. Isso, somado ao fato de não mais exercer o papel de chefe da família, em uma sociedade em que, sabe-se, é patriarcal, lhe causava grande agonia. Tanto na rua quanto no trabalho lhe tinham por trouxa, e ouvia piadas a seu respeito. Diante desse crescente desprestígio, “só a morte poria termo àquele martírio de todos os momentos, forte demais para uma alma formada como a sua” (LOBATO, 2007, p. 203). O outro mundo para a personagem seria capaz de trazer novamente o sossego que perdera em vida. Assim sendo, o conto transita entre as já referidas três posições do universo relacional brasileiro.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Também é preciso entender que para o brasileiro, conforme Da Matta (1997, p. 111), “esse outro mundo é também um espaço que demarca uma zona de incrível igualdade moral, pois no ‘outro mundo tudo será pago’, e todas as contas irão se ajustar com honestidade”. Seguindo ainda a ideia do autor, essa honestidade que nem sempre é possível aqui na terra, onde os ricos e os poderosos sempre escapam e os “santos” estão sistematicamente “pagando pelos pecadores”, seria então, finalmente recompensada e concretizada. A morte de João Pereira faz dele um mártir, como se sabe e bem relata mais uma vez Da Matta (1997), os mortos imediatamente se transformam na sociedade brasileira, passando a ser pessoas exemplares e orientadoras de posições e relações sociais. Para bem terminar o conto, talvez o autor tenha buscado dar essa característica mítica à personagem, reforçando que, em vida, não conseguira tal status com sua honestidade, pois quem ganha destaque, no Brasil, geralmente é o “malandro”. Talvez após sua morte pudesse passar de “trouxa” para exemplo de “homem honesto”, recuperando a sua boa imagem.

Ribeiro (1995) destaca a originalidade do povo brasileiro, que se encontra na luta por se fazer a si mesmo como gênero humano que nunca existiu antes. Talvez este seja o principal traço da cultura deste povo, a capacidade de se diferenciar. Assim como, um cidadão de nome João Pereira, funcionário público, de poucas posses, mas alegre, que por tais características consegue se fazer reconhecer como típico brasileiro pelo que é e pelo universo que o cerca.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, não é pelo fato de o autor retratar a vida interiorana paulistana que é possível identificar traços da cultura brasileira em seu texto, mas, sobretudo, porque compreende e transforma em elementos implícitos na narrativa a sua atmosfera e as suas questões peculiares. A história de João Pereira poderia se passar em qualquer parte do território nacional sem prejuízo de sua essência. Lobato conseguiu captar o que Machado de Assis já falava: “o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (1873, p. 819).

Vê-se, assim, que o conto está bem tramado na teia de significados da cultura brasileira. Como se viu, muitos são os traços que dela traz consigo os quais se pode destacar e sobre os quais se pode refletir. Possivelmente, se o conto tivesse sido escrito no âmbito de outra cultura, a atitude da personagem principal possivelmente teria outra aceitação, a questão do seu suicídio no final teria, talvez, outro enfoque. Ou seja, o autor, influenciado por outras práticas e por outros simbolismos, daria outra constituição à história. São esses elementos que fazem do conto um produto cultural característico de um Brasil que está por se entender e se constituir como se viu aqui, sobre o qual é relevante sempre se problematizar.

A cultura e a identidade estão sempre imbricadas e são construções sociais que se modelam ao longo do tempo, como se pode ver. O conto que foi publicado há quase uma década, pode, assim, ser considerado como um documento do processo de construção destes traços culturais identitários do brasileiro. Sendo que ainda pode tê-los retroalimentado, contribuindo para reafirmar as próprias características que retrata, ainda que o faça de modo implícito.

Diante da análise realizada percebe-se que a importância de Monteiro Lobato não se resume a literatura infantil, que lhe tornou um escritor famoso. Mas que se trata de intelectual engajado com as questões de seu tempo e espaço sócio cultural. Do seu texto e da aproximação dele com a cultura se conseguiu refletir sobre alguns traços culturais do que se pode chamar de brasilidade. Reforçando, por fim, a ideia de relação indissociável entre a literatura e a cultura.

V ENALI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Notícia da literatura brasileira** – instinto de nacionalidade [1873]. In: _____. *Obra completa*. V. 3. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

BAKHTIN, M. Os estudos literários, hoje. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOSI, Alfredo. **Colônia, culto e cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. 4ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2003.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **A casa e a rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In.: THOMPSON, Kenneth (Ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

LARAIA, Roque. **Cultura, um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

LOBATO, Monteiro. Um homem honesto. In: _____. **Cidades Mortas**. São Paulo: Globo, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NÚMEROS DA RECICLAGEM NO BRASIL. Disponível em: < <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/2453/n-meros-de-reciclagem-no-brasil.html>>. Acesso em: 26 out., 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

V ENALLI

ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



VIEIRA, Haydê Costa. As marcas da percepção: a postura de João Teodoro em “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato. **e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**. Nilópolis, v. 3, n. 2, mai.-ago. 2012.

TURNER, Graeme. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.